

## Moacyr Scliar e a imigração para o Paraíso Americano

Suzana Yolanda Machado CÁNOVAS<sup>1</sup>

**Resumo:** Moacyr Scliar (1937-2011) nasceu e morreu em Porto Alegre (RS). Ele era filho de José e Sara Scliar, oriundos da Bessarábia, Europa Oriental. *Moacyr Scliar e a imigração para o Paraíso Americano* trata da vinda para a América dos pais do escritor gaúcho. Além disso, investiga a representação do mesmo tema no seu romance *O ciclo das águas*. A concepção da América como um local paradisíaco, situado na própria Terra, tem origem no mito do Paraíso Perdido. Buscamos subsídios para estudá-lo, valendo-nos, sobretudo do “Gênesis” e de teóricos como o historiador, sociólogo e escritor Sérgio Buarque de Holanda; o ensaísta, poeta e diplomata mexicano Alfonso Reyes; e o escritor e professor Donaldo Schüler.

**Palavras chave:** Moacyr Scliar. Mito da América como paraíso. Imigração.

Moacyr Scliar, escritor e médico, especializado em Saúde Pública, nasceu em Porto Alegre (RS), no dia 23 de março de 1937, e faleceu em 27 de fevereiro de 2011, na mesma cidade. Era judeu não ortodoxo, e introduziu na ficção sul-rio-grandense a temática do judaísmo, que é uma constante em sua produção literária.

Este trabalho tem como objetivo investigar a imigração de José e Sara Scliar, pais do escritor, da Europa Oriental para a América. Além disso, traremos a lume o sonho com o Paraíso Americano que ocorre na narrativa *O ciclo das águas*, manifestando-se, especialmente, na personagem Esther (“Rainha na América, Rainha Esther!”) e no seu aventureiro companheiro de infância, que, no Novo Mundo, vem buscar enriquecimento, tornando-se membro de uma organização criminosa. A imigração para a América tem suas raízes no mito do Paraíso Perdido. Para o estudo do tema, o “Gênesis” e teóricos como Sérgio Buarque de Holanda, Alfonso Reyes e Donaldo Schüler nos darão os necessários subsídios.

---

<sup>1</sup> É Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (2004), título obtido com a apresentação da tese *O universo fantástico de Murilo Rubião à luz da hermenêutica simbólica*. Professora aposentada da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Goiás (UFG), onde desenvolveu atividades docentes na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, vinculada à linha de pesquisa “Literatura, história e imaginário”. Realiza pesquisas nas áreas do imaginário, da hermenêutica simbólica, da mitologia e da literatura fantástica. Dedicou-se ao estudo de grandes autores da Literatura Ocidental, especialmente Dante Alighieri. É organizadora de livros e autora de prefácios e de inúmeros artigos e ensaios em livros, revistas e jornais especializados.  
E-mail: [sylmcanovas@gmail.com](mailto:sylmcanovas@gmail.com).

## O mito do Paraíso Perdido

O mito do Paraíso Perdido inscreve-se na memória da humanidade como um tesouro coletivo. Por isso, começamos pela análise de uma situação fundamental do homem sob o ponto de vista ontológico – a banição do Paraíso.

Ao empreender um sumário estudo das origens do mito, verificamos que tanto as Sagradas Escrituras como a mitologia pagã fornecem uma narrativa de sucessos arquetípicos sem que se possa detectar diferenças significativas nos respectivos modos de representação do local permanentemente sonhado ou da situação específica do homem que nele se insere, havendo, portanto, uma aproximação entre ambas as tradições.

Segundo Sérgio Buarque de Holanda, em *Visão do paraíso* (1959, p. 169), o mundo greco-romano não carecia, como não careceu nenhuma outra civilização, da lembrança de um estado de delícias vivido pela humanidade no começo dos tempos, que teria sido frustrado pelo advento de alguma catástrofe irremediável.

No relato do “Gênesis” (II, 8-24), Deus, após criar o homem e a mulher, colocou-os num cenário benfazejo, onde espalhou árvores agradáveis aos olhos, cujos frutos eram doces, e fez com que o irrigasse um rio quádruplo; era perfeita a condição de inocência e harmonia entre os seres viventes, isentos de trabalho penoso, fadiga, dor ou morte. No centro mesmo do Paraíso estava a Árvore da Vida e a da Ciência do Bem e do Mal – símbolos do Ser e do Conhecer, respectivamente –, cujos frutos eram vedados ao primeiro casal humano.

À tentação exercida pela Serpente, segue-se a Queda e o Pecado e a decorrente expulsão do Jardim do Éden, que passará a ser protegido por Querubins, brandindo uma espada de fogo a fim de guardar o caminho da Árvore da Vida, para evitar que o homem chegasse a ela e conquistasse a imortalidade.

O exílio caracteriza-se como uma situação existencial oposta, em que o conhecimento do mal está representado pela consciência da nudez; a quebra da harmonia entre as criaturas é objetivada no conflito entre a Mulher e a Serpente; as espécies daninhas, cardos e abrolhos, coexistem com árvores aprazíveis; e, acima de tudo, há o cansaço, a luta pela sobrevivência e o sofrimento intensificados pela dolorosa consciência da finitude. Em suma, é o relato de um fato primordial que visa justificar como o homem é condenado, por sua própria escolha, às adversidades do mundo.

De acordo com Buarque de Holanda (1959, p. 170), o quadro de uma Idade de Ouro, configurado no pórtico das *Metamorfoses*, de Ovídio, nada apresenta de fundamental que o separe do Éden bíblico, ainda que a abolição da paisagem idílica não seja atribuída ao pecado do primeiro homem, mas à queda do deus Saturno, destronado e precipitado ao Tártaro por seu próprio filho.

Hoje se compreende facilmente, com o autor de *Visão do Paraíso* (1959, p. 169), o fato de que tanto o Jardim do Éden como a Idade de Ouro tenham sido colocados no passado, precisamente, na situação inaugural do Cosmo. Essa concepção é transposta para o indivíduo, passando, portanto, a infância da humanidade a ser vista como um instante de plenitude por excelência.

A problemática relativa à perda de um estado de plenitude edênica é retomada por Freud (*apud* ELIADE, 1972, p. 73) no plano da psicanálise. Na linguagem psicanalítica, houve um paraíso que corresponde ao estado pré-natal, ou ao período que se estende até à ablação, e uma ruptura posterior – traumatismo infantil.

Guardando, portanto, essa cara lembrança, que serve de compensação para as atribulações do presente, ou sentindo uma vaga esperança de recuperar a plenitude algum dia – como Virgílio, que a tendo deslocado para o futuro, foi considerado, na Idade Média, como um novo Isaías, um profeta que anunciava a redenção do mal (*apud* HOLANDA, 1959, p. 170). O fato é que o homem a tem localizado sempre fora dos estreitos limites da cotidianidade.

Alfonso Reys, em *Ultima Tule* (1942, p. 123), falando a respeito das independências americanas, em determinado momento faz uma reflexão oportuna para justificar a existência do mito: o homem tem sonhado sempre com a unidade, situando-a, algumas vezes como força impulsora, e outras, como força trágica dos eventos históricos – como força impulsora, no passado, se chama *Idade de Ouro*; como força trágica, no porvir, se denomina Terra Prometida. De tempos em tempos, os filósofos se divertem, esboçando os contornos da apetecida cidade perfeita, e esses esboços se chamam utopias.

O mito do Paraíso Americano é uma dessas utopias ligadas indissolúvelmente às narrativas que reconstituem os Primórdios e alguns de seus aspectos encontram ressonância no longínquo modelo fornecido pelo mito grego do Jardim das Hespérides ou Ilha dos Felizes.

Diz o relato que, tendo Hera se casado com Zeus, recebeu de Gaia umas maçãs de ouro; como eram muito belas, resolveu colocá-las num horto, perto do monte Atlas, onde se encontravam as Hespérides, deixando-as sob a guarda de um dragão. É em sua demanda que

vai Perseu, conforme está narrado na *Teogonia*<sup>2</sup>, de Hesíodo, repetindo-se a ideia, proposta no “Gênesis” de que o caminho do Paraíso é sempre protegido por dificuldades.

É lícito afirmar que o homem tem possibilidade de fugir dos estreitos limites de sua sofrida cotidianidade, pois, afinal, qual a necessidade da presença dos Querubins para guardar o Paraíso, ou dos obstáculos colocados a Perseu, se o homem a ele não pudesse ter acesso? Mas para conquistá-lo são necessárias verdadeiras provas iniciatórias, que, no dizer de Schüller<sup>3</sup>, significam que o bem nunca é dado, sendo sua fruição atingida através da luta.

Em síntese, o mito do Paraíso Perdido está situado no passado ou no futuro, numa geografia vaga, extraterrena, ou em lugares determinados da Terra, que sofrem transplantações periódicas – as Hespérides, por exemplo, foram localizadas primeiramente no sul da Itália, depois na Ilha da Madeira e, finalmente, na América. Comumente protegido por obstáculos quase intransponíveis, o Paraíso é o grande sonho coletivo perseguido através dos tempos.

Entretanto, a ânsia de redenção não se exprime apenas pela recordação de um lugar edênico habitado no passado, ou pela esperança de atingi-lo algum dia. Ocorre, também, que o paraíso possa se configurar em uma situação existencial específica, e não necessariamente num cenário sonhado. Segundo Schüller (1978, p. 13), o paradigma banição/recuperação, num contexto dessacralizado, pode corresponder à perda e à recuperação de um bem, representado, por exemplo, por uma boa situação econômica, pela realização matrimonial, ou pela segurança ideológica.

No relato grego das Hespérides, dois aspectos se tornam particularmente dignos de atenção, já que fornecem um remoto modelo onde deve, seguramente, repousar o mito das terras americanas. O primeiro consiste no misticismo do crepúsculo, confirmado pelos nomes de três ninfas – Egle (“a Brilhante”), Aretusa (“a Avermelhada”) e Hiperetusa (“a Aretusa do Poente”) – que recordam a cor do céu quando o sol vai desaparecendo pelas tardes.

Segundo Reys (1942, p. 8), a ideia de que no Ocidente ficava certa região por descobrir e que assume ora a fisionomia de um reino bem-aventurado, ora a de um mar tenebroso, vem desde os mais remotos documentos egípcios e aprofunda suas raízes antropológicas no misticismo do sol poente. O segundo aspecto diz respeito à versão poética da lenda do horto das Hespérides, que tende a situá-lo em ilhas perdidas no meio do oceano e

<sup>2</sup> Hesíodo viveu no século VIII a.C., na Beócia, região central da Grécia Antiga.

<sup>3</sup> Observação colhida durante as aulas sobre “Mito e literatura”, ministradas pelo Prof. Dr. Donaldo Schüller no Curso de Pós-Graduação em Letras (UFRGS), no primeiro semestre de 1982.

teria sido a forma inicial e talvez o modelo para o romantismo insular que invadiu a Europa na época dos grandes descobrimentos marítimos (HOLANDA, 1959, p. 17).

Concluimos que há uma íntima conexão entre ambos já que, como esclarece o autor de *Ultima Tule* (REYS, 1942, p. 17-18), a inclinação antropológica de seguir a rota do sol, o estranho ímã do Ocidente, palpita entre os testemunhos mais antigos da fábula mediterrânea e lança, pela fantasia medieval, sua esquadra de ilhas fascinadoras, ora edênicas, ora infernais. Os portugueses e outros povos marítimos as buscavam com afã ou evitavam-nas com cautela. Para exemplificar tal ideia, basta referir à obsessão com que Colombo buscava suas sonhadas Antilhas.

De acordo com o autor mexicano (REYS, 1942, p. 10), antes de se tornar uma realidade conquistada, a América foi intuída desde os mais remotos tempos, constituindo-se na invenção dos poetas, na charada dos geógrafos, no falatório dos aventureiros e na cobiça das empresas. O impulso para transcender os limites do mundo conhecido, que corresponde, entre outras, à necessidade de desvendar a fisionomia do globo terrestre, ocorre já entre os antigos povos navegadores e encontra sua expressão máxima nas viagens do século XV. Participando da grande empresa, Portugal e Espanha se alçam aos mares no afã do descobrimento, em cuja origem está presente toda uma exacerbação mitológica.

Uma vez descoberta, a América se torna fonte inesgotável das mais ricas cogitações do espírito humano. O fascínio exercido pelo exotismo do solo americano está presente na literatura, tanto naquela representada pelo mero depoimento dos cronistas que aqui chegaram, como na que se pode chamar, no sentido restrito do termo, de obra de arte literária. Esse tema tem ocorrido sempre, quer nas letras americanas, quer em outras produções. Reys esclarece que “a literatura, quer comprovar, com o espetáculo da América, uma imagem proposta ‘a priori’, a Idade de Ouro dos antigos” (1942, p. 89). Associada ao cenário, surge a concepção do “filósofo desnudo”, que abre caminho para o “bom selvagem”, de Rousseau.

Aceitando a fantasia como realização do desejo, nela se busca a “fonte da juventude”, o “país de ouro” ou o “reino das amazonas”. Como as exacerbações da matéria se ligam às do espírito, concebe-se a ideia das utopias e das repúblicas perfeitas, representadas, na ordem prática, pelos empreendimentos de dilatação política e religiosa que já não poderiam ficar contidos nos limites da velha e desgastada Europa.

Assim, a América constitui campo fértil onde realizar os altos objetivos de justiça igualitária, liberdade mais bem compreendida e felicidade mais completa e equitativamente distribuída entre os homens. Apóstolos políticos ou religiosos empenharam-se na sua obra de

redenção – tal é o caso, por exemplo, da utopia social de Vasco de Quiroga ou das missões jesuíticas, no Brasil ou no Paraguai.

Também os aventureiros e negociantes de todos os gêneros para cá voltaram os olhos, no empenho de enriquecimento imediato. Mais tarde, a América se converte em abrigo do perseguido e do adepto de religiões proscritas, tornando-se a terra, por excelência, dos reformadores, dos sonhadores, dos descontentes, dos exploradores, dos banidos.

Dentro dessa linha de expectativa do homem quanto à vida no Novo Mundo, encontra-se a esperança do judeu da Europa Oriental, no século XX, de “fazer a América”. No início do século passado, enquanto na Europa Ocidental os israelitas se beneficiavam com o progresso advindo da técnica e da industrialização, na Rússia e na Polônia sua existência era miserável.

Eles habitavam pequenas aldeias sob ameaça constante dos “pogroms”, não raras vezes estimulados pelas próprias autoridades czaristas interessadas em desviar a atenção do povo do seu fracasso na guerra russo-japonesa de 1905. Mergulhados num clima de permanente desespero, muitos judeus acabam imigrando para a América que, assim, se converte no sonho daqueles cujo destino tem consistido em errar pelo mundo como perseguidos e marginalizados.

### **A família Scliar na América**

O escritor gaúcho Moacyr Scliar era filho de imigrantes judeus provenientes da Bessarábia<sup>4</sup>, Europa Oriental, que se estabeleceram no bairro Bom Fim (Porto Alegre). Segundo depoimento do autor,

a Bessarábia era uma região que fazia parte do império czarista e onde os judeus viviam em pequenas e pobres aldeias. Marginalizados, perseguidos, serviam como válvula de escape para a tensão social do império czarista, polarizado entre uns poucos ricos e uma imensa massa miserável. [...] A imigração organizada iniciou-se mesmo com a Jewish Colonization Association, em 1904. Para essas pessoas, o Brasil era um paraíso. [...] Muitas eram as esperanças que os animavam a enfrentar a longa viagem marítima. (SCLIAR, 2007, p. 24)

Quando se refere ao bairro onde passou parte da infância, Scliar declara:

CONSIDEREMOS O BOM FIM um país – um pequeno país, não um bairro em Porto Alegre. Limita-se, ao norte, com as colinas dos Moinhos de Vento; a leste, com o centro da cidade; a oeste, com a Colônia Africana e, mais adiante Petrópolis e

<sup>4</sup> A Bessarábia não existe mais com esse nome, porque, em decorrência de dominações políticas, resultou no que atualmente são os países europeus Moldávia e Ucrânia.

as Três Figueiras; ao sul, com a Várzea, da qual é separado pela Avenida Oswaldo Aranha. Em 1943 a região da Várzea, já saneada, estava transformada num parque – a Redenção (SCLIAR, 1972, p. 7).

O fornecimento dos pontos cardeais desse “país”, conforme referencia Scliar, dá-nos a exata dimensão da importância do bairro judeu da capital gaúcha e das circunstâncias que gestaram um grande escritor, o qual ainda acrescenta: “Quando se escrever a história dos bairros judeus, o Bom Fim terá nela o seu lugar – junto com o Lower East Side, de Nova York; o Marais, de Paris; o Once, de Buenos Aires; e o Bom Retiro, de São Paulo” (SCLIAR, 2007, p. 27).

Scliar recorda que “o Bom Fim dos anos quarenta [...] era uma aldeia da Europa Oriental absurdamente, fantasticamente transplantada para Porto Alegre” (SCLIAR, *apud* MOACYR SCLIAR, 2014, p. 23)<sup>5</sup>. Havia uma guerra na Europa, mas ali havia paz. Os judeus viviam uma existência precária em pequenas e modestas casinhas de porta e janela, que nunca eram trancadas, pois naquela época não havia preocupação com segurança e, segundo o escritor, não existia muito o que roubar. As pessoas entravam e saíam à vontade sem precisar pedir licença (SCLIAR, 2007, p. 28).

Assim, não havia propriamente uma noção de privacidade, pois a vida era vivida sem segredos, e de forma coletiva. Como suas habitações eram pequenas, as pessoas se reuniam nas calçadas, durante as noites quentes de verão, e, na casa de alguém, quando era inverno, de preferência na cozinha, que era o local mais aquecido (SCLIAR, 2007, p. 31).

Nessa época, não havia televisão, o cinema era caro e os espetáculos teatrais, raros. Foi dessa forma que o ato de contar histórias, tão característico da tradição judaica, se tornou a principal distração dessa coesa comunidade. É com orgulho que o autor gaúcho assegura:

Meus pais, em especial, eram grandes contadores de histórias, dessas pessoas que encantam os outros com suas narrativas. Acho que, se me tornei escritor, foi em grande parte por identificação com eles, por querer partilhar o prazer que tinham em contar uma boa história (SCLIAR, 2007, p. 31)

Muito se ouviu Scliar contar em conversas informais, em palestras e em livros, que sua casa carecia das coisas mais elementares, como um chuveiro com água quente (e no inverno faz muito frio no Sul). Sua mãe esquentava água numa lata de azeite Sol Levante, no fogão a

---

<sup>5</sup> O livro *Moacyr Scliar: o centauro do Bom Fim*, sob a curadoria de Carlos Gerbase, resultou da exposição em homenagem ao escritor, realizada em Porto Alegre, de 17 de setembro a 16 de novembro de 2014.

lenha (SCLIAR, *apud* MOACYR SCLIAR, 2014, p. 33). Fogão elétrico ou a gás era um luxo inimaginável na época.

Mesmo assim, quando recebia seu salário, ela levava os filhos à Livraria do Globo e dizia que podiam escolher o que quisessem (SCLIAR, *apud* MOACYR SCLIAR, 2014, p. 34). A Livraria do Globo era um importante reduto cultural da época, situado na Rua da Praia, Centro Histórico de Porto Alegre, onde se reuniam escritores e intelectuais. Hoje, no terceiro andar do prédio onde funcionava, existe o Memorial da Livraria do Globo, que é um café que abriga recordações de um importante passado literário.

A mãe de Scliar era professora primária e, em 1943, alfabetizou o filho, que estudava na mesma escola em que ela lecionava – Escola de Educação e Cultura, conhecida como Colégio Iídiche. O prédio foi demolido, mas permaneceu na memória do escritor, com seu plátano, cujo tronco estava sulcado de nomes escritos, situado em frente à edificação (SCLIAR, 2007, p. 36).

A migração para a América, especificamente para Porto Alegre, de José e Sara, trouxe-lhes a tão sonhada paz para criar os filhos e viver uma vida digna e tranquila, ainda que precária e isenta de muitas coisas básicas que lhes garantiriam maior conforto. Mas foi na América que desfrutaram da convivência com uma comunidade coesa, que, com as portas de suas casas abertas, desconheciam o medo das perseguições e dos ladrões. Com ela se reuniam para contar histórias e contribuíram para formar o grande escritor Moacyr Scliar, que se tornou o porta-voz da condição judaica, que tem conhecido, ao longo do tempo, a perseguição, a diáspora e o preconceito que custou a vida de tantos judeus.

### **O sonho com o Paraíso Americano em *O ciclo das águas***

*O ciclo das águas* retoma um fato histórico ocorrido no início do século XX – o tráfico de mulheres que, com a promessa de casamento promissor, foram trazidas como prostitutas para a América por uma máfia judaica, a *Tzvi Midal*.

Esse é o caso da protagonista Esther, que, seduzida pela promessa de uma vida de rainha na América, é ludibriada por seu conterrâneo Mêndele, que retorna após longo tempo do Novo Mundo para levá-la com ele. Depois de um estágio em Paris, onde é iniciada nas artes do amor, ela chega a Buenos Aires sozinha, pois o marido morrera na travessia, sem consumir o casamento.

Mais tarde, instalada em um bordel em Porto Alegre, a jovem conhece Rafael, que por ela se apaixona, mas é impedido pela família de concretizar seus projetos amorosos. Esther vem a conceber um filho, Marcos, que entrega aos cuidados de Morena, enquanto assegura o sustento do menino por meio da prostituição. No futuro, Marcos se tornará professor de História Natural.

O filho da prostituta judia é a figura central masculina do romance, que começa quando ele já é adulto. No texto, que é construído em pequenos blocos, as considerações do professor de História Natural, que fala em primeira pessoa, alternam-se com as cenas em que o passado é retomado por um narrador onisciente.

Mêndele é o jovem proveniente da Polônia que se deixa seduzir pelos prazeres materiais obtidos de forma ilícita e criminosa, imigrando para a América onde se integra à *Tzvi Midal*. Ele não hesita em ir buscar na sua pacata aldeia a antiga companheira de infância, pedindo-a em casamento e prometendo-lhe uma vida de rainha na América: “ganho [...] muito dinheiro, posso me casar contigo, posso te sustentar, posso te dar uma vida de rainha, na América” (SCLIAR, s/d, p. 13). Assim, apaixonada como está, Esther aceita, chorando, o seu pedido, e, depois que o pai, o *mohel*, dá seu consentimento, ela se tornará mais uma vítima da organização criminosa.

Segundo depoimento oral de Scliar, a personagem Esther foi construída a partir de um modelo real, fornecido por uma dessas mulheres trazidas como prostitutas para Porto Alegre e que o escritor conheceu, já bastante idosa, em decorrência de suas atividades como médico.

A personagem de Scliar ao invés de se desesperar ante o engodo de que foi vítima, sabe tirar proveito dos prazeres eróticos que a vida de prostituta lhe propicia, transformando-se, na América, na rainha do bordel. Esther veste com volúpia, primeiro, o macio couro das reses argentinas, depois a seda, oxigena e frisa os cabelos, degusta com sensualidade bombons licorosos; e, acima de tudo, desde o momento em que se inicia nas artes do amor, usufrui das mais intensas sensações.

Esse aspecto, por diversas vezes enfatizado na narrativa, pode ser sintetizado nas palavras que a personagem dirige mentalmente à mãe: “O médico russo... Prazer assim tu nunca tiveste, nunca terás. Teu marido sabe degolar galinhas, mas não sabe te fazer gozar. E eu, marido não tenho, mas se soubesses como é bom um homem. E a vida que eu levo...” (SCLIAR, s/d, p. 56).

## **Conclusões finais**

De acordo com o depoimento de Scliar em relação a seus pais, o Paraíso Americano consistiu no encontro da paz que buscavam. Longe das perseguições, geraram e educaram seus filhos, ainda que com muita luta, enquanto a guerra assolava a Europa. Na representação da referida problemática no universo ficcional do escritor, todos encontraram na imigração para a América, um arremedo de paraíso transitório.

Mêndeles, por meio do crime, obteve muito dinheiro, satisfazendo sua desmedida ambição, mas cedo encontrou o final de seus empreendimentos ilícitos com a morte no mar. Esther, após tirar proveito de uma vida de prazeres à margem da sociedade, terminou seus dias completamente alienada num asilo de velhos. Marcos, filho de uma imigrante, também deu vazão aos seus sonhos de plenitude, desejando se tornar um cientista famoso, mas acabou se diluindo na mediocridade da classe média brasileira.

Assim, em Scliar, ocorre uma desmistificação do mito da América como Paraíso, pois, longe de ser a Terra da Prometida, nela há lutas, carências e prazeres transitórios.

## Referências

**BÍBLIA SAGRADA:** Nova Versão Internacional. Traduzida pela comissão de tradução da Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Vida, 2001.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. **Visão do paraíso:** Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade.** São Paulo: Perspectiva, 1972.

HESÍODO. **Teogonia:** A origem dos deuses. Estudo e tradução de JaaTorrano. São Paulo: Iluminuras, 2000.

OVÍDIO. **Metamorfoses:** São Paulo: Martin Claret, 2003.

REYS, Alfonso. **Ultima Tule.** México: Imprenta Universitaria, 1942.

SCLIAR, Moacyr. **O ciclo das águas.** São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

SCLIAR, Moacyr. **Uma autobiografia literária:** O texto, ou a vida. Porto Alegre: L&PM, 2007.

**MOACYR SCLIAR: O CENTAURO DO BOM FIM.** Curadoria Carlos Gerbase; apresentação Regina Zilberman, Gabriel Oliven e Judith Scliar. São Paulo: Santander Cultural, 2014.

SCHÜLER, Donald. **Plenitude perdida:** Uma análise das sequências narrativas no romance *Dom Casmurro* de Machado de Assis. Porto Alegre: Movimento, 1978.

**Moacyr Scliar and immigration to the American Paradise**

**Abstract:** Moacyr Scliar (1937-2011) was born and died in Porto Alegre (RS). He was the son of José and Sara Scliar, who were originally from Bessarabia, Eastern Europe. Moacyr Scliar e a imigração para o Paraíso Americano deals with the coming to America of the gaucho writer's parents. In addition, it investigates the representation of the same theme in his novel O ciclo das águas. The conception of America as a paradisiacal place, situated on Earth itself, has its origin in the myth of Paradise Lost. We seek subsidies to study it, making use mainly of "Genesis" and theorists such as the historian, sociologist and writer Sérgio Buarque de Holanda; the Mexican essayist, poet and diplomat Alfonso Reyes; and the writer and professor Donaldo Schüler.

**Keywords:** Moacyr Scliar. Myth of America as paradise. Immigration.

**Recebido em 30 de abril de 2023**  
**Aprovado em 14 de junho 2023**  
**Publicado em 09 de agosto de 2023**